

Filosofia escolar e saúde: uma investigação para além do senso comum

School philosophy and health: an investigation beyond common sense

Gabriel Moreira Beraldi

Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz
SEEDUC-RJ

gabscj@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-8786-9179>

Paulo Pires de Queiroz

Faculdade de Educação - UFF
Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz

ppqueiroz@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-0609-6424>

Resumo

A maneira como a filosofia é ensinada na escola não contempla o diálogo com a saúde, o que constitui uma lacuna na relação filosofia-ensino-saúde. Dessa forma, a presente pesquisa procura responder à seguinte pergunta de investigação: Como o ensino da filosofia escolar pode tornar-se um campo de reflexões favoráveis à promoção da saúde? A hipótese de trabalho propõe que um ensino desfragmentado da filosofia na escola básica, de caráter holístico, teria o potencial de promover debates sobre a saúde como qualidade de vida. Dessa forma, o objetivo geral do estudo é investigar a potencialidade do ensino da Filosofia escolar em interface com a saúde. A metodologia empregada, como recurso de análise qualitativa, está ancorada no modelo de triangulação de dados, conjugando os enfoques empíricos trazidos pelas entrevistas e observações, leituras críticas de documentos legais, curriculares e pedagógicos pertinentes ao problema e o plano teórico-conceitual, que contempla a noção foucaultiana da “clínica”, a ideia de “corporeidade”, de Merleau-Ponty, e o conceito de “saúde” segundo Almeida-Filho e Ferguson, numa perspectiva holística e transdisciplinar. Os resultados preliminares indicam que tal ponto de vista ainda não é significativamente adotado pelos professores em termos teóricos e práticos, constituindo uma importante lacuna no campo de pesquisa.

Palavras-chave: filosofia; ensino de filosofia; saúde; escola e holismo.

Abstract

The way philosophy is taught in school does not include dialogue with health, which is a gap in the philosophy-teaching-health relationship. Thus, the present research seeks to answer the following research question: How can the teaching of school philosophy become a field of re-

flections favorable to health promotion? The working hypothesis proposes that a defragmented teaching of philosophy in the high school, of holistic character, would have the potential to promote debates on health as a quality of life. Thus, the general objective of the study is to investigate the potentiality of teaching scholar philosophy in interface with health. The methodology employed, as a resource of qualitative analysis, is anchored in the data triangulation model, combining the empirical approaches brought by the interviews and observations, critical readings of legal, curricular and pedagogical documents pertinent to the problem and the theoretical-conceptual plan, which contemplates Foucault's notion of "clinic", Merleau-Ponty's idea of "corporeality," and the concept of "health" according to Almeida-Filho and Ferguson, in a holistic and transdisciplinary perspective. Preliminary results indicate that this vision is not yet significantly adopted by teachers in theoretical and practical terms, constituting an important gap in the research field.

Keywords: philosophy; philosophy teaching; health; school and holism.

Resumen

La forma en que se enseña filosofía en la escuela no aborda diálogo con la salud, que es una brecha en la relación filosofía-enseñanza-salud. Así, la presente investigación busca responder la siguiente pregunta de investigación: ¿Cómo puede la enseñanza de la filosofía escolar convertirse en un campo de reflexiones favorable a la promoción de la salud? La hipótesis de trabajo propone que una enseñanza desfragmentada de filosofía en la escuela, de carácter holístico, podría promover debates sobre la salud como calidad de vida. Así, el objetivo general del estudio es investigar la potencialidad de la enseñanza de la filosofía escolar en interfaz con la salud. La metodología empleada, como recurso de análisis cualitativo, está anclada en el modelo de triangulación de datos, combinando los enfoques empíricos aportados por las entrevistas y observaciones, lecturas críticas de documentos legales, curriculares y pedagógicos pertinentes al problema y el plan teórico-conceptual, que contempla la noción de "clínica" de Foucault, la idea de "corporeidad" de Merleau-Ponty y el concepto de "salud" según Almeida-Filho y Ferguson, en una perspectiva holística y transdisciplinaria. Los resultados preliminares indican que los docentes aún no han adoptado de manera significativa este punto de vista en términos teóricos y prácticos, lo que constituye una brecha importante en el campo de la investigación.

Palabras clave: filosofía; enseñanza de filosofía; salud; escuela y holismo.

Introdução

O caráter transdisciplinar das interfaces filosofia e saúde possibilita reflexões complexas nas mais diversas áreas do conhecimento. A transdisciplinaridade, muito além de um conceito, é uma possibilidade de ampliar representações, observar o ser humano de forma global e, por conseguinte, assumir a complexidade própria dessa visão de mundo. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Ciências Naturais (Brasil, 1998) já preconizavam essa questão ao abordar a saúde como tema transversal que necessita ser trabalhado pelos professores, independente da disciplina e do conteúdo curricular do curso.

Desse modo, a escola, enquanto espaço de socialização e aprendizagem, traz, consigo, a possibilidade de um aprendizado profícuo em saúde que deve ser estimulado. Segundo a

Organização Mundial de Saúde – OMS - (2012), aprendizagem e promoção da saúde caminham juntas, pois através da aprendizagem amadurecemos o senso crítico para fazermos escolhas conscientes que impactem, positivamente, nossa qualidade de vida.

Por outro lado, Patela (2015) coloca a transdisciplinaridade como um desafio, haja vista o nosso sistema de ensino estar mais afeito à interdisciplinaridade. Por conseguinte, Morin (2000) aponta para a importância de uma formação docente adequada que permita aos professores recuperar a dimensão essencial do ensino ao superar tradicionalismos estéreis. Consequentemente, tanto o campo da saúde quanto o do ensino têm apresentado enfoques fragmentados e segmentados que contradizem o potencial transdisciplinar dessas áreas.

Essa visão, herança do cartesianismo, e que está na gênese do pensamento ocidental, resultou em uma concepção biomédica que constitui o alicerce da medicina científica moderna (Telesi Júnior, 2016). Em contrapartida, Telesi Júnior (2016) aponta para uma visão ampliada do ser humano e do processo saúde-doença, a partir do enfoque global do cuidado humano.

Em contraposição ao paradigma da medicina científica moderna encontram-se as medicinas tradicionais, em geral orientais, que apontam para uma visão holística do ser humano e uma nova relação entre os conceitos de normalidade e patologia. Dessa forma, o presente artigo não tem como objeto as medicinas tradicionais, a não ser como inspiração filosófica para uma outra visão da relação saúde-doença, para além do entendimento corrente, fazendo eco à visões conceituais de Canguilhem (2009) e Ferguson (1995).

Apesar de haver alguns pontos de correlação entre essas duas correntes médicas, a medicina científica moderna trabalha, na prática, com a noção de doença em oposição à noção de “organismo doente”. Tal visão limitada encontra-se presente também na escola, *locus* privilegiado para a desconstrução dessas noções que têm sido severamente criticadas (Almeida Filho; Jucá, 2002).

Como tentativa de desconstruir essa noção científica de saúde, diversas conferências foram promovidas, sobretudo a partir da década de 1970, com o intuito de ampliar o conceito de “promoção de saúde”. Com a proeminência da I Conferência Internacional sobre Cuidados Primários da Saúde, realizada em 1978, sob o patrocínio da Organização Mundial de Saúde e da UNICEF, a saúde passou a ser vista como crucial para o desenvolvimento social e econômico do indivíduo. A Carta de Ottawa, de 1986, afirmou que paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade constituem esse espectro mais amplo da promoção da saúde. Note-se que todos estes temas são muito caros aos campos do ensino e da educação.

A presença da temática da saúde dentro da escola, embora estimulada pelos documentos oficiais enquanto tema transversal, se encontra presente de forma tímida, pois necessita superar o paradigma cartesiano da especialização; ou seja, só pode falar de saúde um profissional, geralmente diplomado, da área. No entanto, Canguilhem (1990) aponta que, se a saúde for considerada como um fenômeno não medido por aparelhos, ela deixa de ser um objeto exclusivo do “especialista” em saúde. Dessa forma, o debate acerca da saúde na escola tem como objetivo contribuir para que os estudantes desenvolvam sua autonomia e melhorem sua qualidade de vida.

Educação e saúde são campos que se relacionam profundamente. Nesse sentido, Carvalho (2015, p. 1208) enfatiza que:

“Saúde e educação são constantemente evocadas quando a questão gira em torno das condições de vida. A interação entre elas, independentemente de onde ocorre – escola ou serviço de saúde – constitui um caminho importante para a conquista da qualidade de vida. A construção de práticas pedagógicas relacionadas a essa interação é um grande desafio frente às demandas que as escolas enfrentam.”

Como forma de promover uma interação entre saúde e escola, admite-se que o ensino da filosofia na educação básica possui um potencial integrador. Desde o ano de 2008 sendo obrigatória no currículo do Ensino Médio brasileiro, a filosofia ainda ocupa um lugar discreto no cenário escolar, sendo lecionada, em geral, de forma “separada” e, portanto, fragmentada, o que constitui um “desperdício”, uma vez que, sendo a “mãe” de todas as ciências, poderia contribuir concretamente para esse debate. Dessa forma, o presente artigo traz como pergunta de investigação: Como o ensino da Filosofia escolar pode tornar-se um campo de reflexões favoráveis à promoção da saúde?

Adotamos como hipótese de trabalho o entendimento de que um ensino da Filosofia, na escola básica, de caráter holístico, teria o potencial de promover reflexões sobre a saúde como um estado de “qualidade de vida” física, mental e social. Propõe-se a pesquisa num campo ainda pouco explorado pelo debate acadêmico. Tendo em vista a importância da problemática abordada ao ensino básico, marcos teórico-conceituais, metas e procedimentos metodológicos foram definidos para viabilizar a investigação.

Contextualização teórica

Vislumbramos a proposta num terreno problemático perpassado por três eixos teóricos, a saber: 1º) O conceito de “saúde”; 2º) a Filosofia escolar e suas finalidades na educação democrática e 3º) a relação entre filosofia e saúde, enfatizando as contribuições da teoria holística. Refletindo sobre o primeiro eixo, levamos em consideração a definição proposta pela Organização Mundial de Saúde: a saúde como “estado de bem-estar físico, mental e social”. Evocamos, também, as reflexões histórico-filosóficas, a partir dos conceitos de “normal” e “patológico”, propostas por Canguilhem (2009). Para além de uma visão essencialmente médica, hospitalar e organicista do fenômeno, típica do senso comum, buscamos compreendê-lo como um campo complexo e aberto a transformações, no qual aspectos ambientais, orgânicos e socioculturais estão em contínuo diálogo e interdependência. Nesse ponto de vista, não se pode falar de saúde como uma condição estável de qualidade de vida, mas uma permanente construção coletiva e individual sobre a qual todos os fatores citados têm importante influência. Postula-se, portanto, um conceito de saúde crítico, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino básico brasileiro (Brasil, 2002).

Refletindo sobre o primeiro eixo desta proposta, *O conceito de “saúde”*, levamos em consideração a definição de saúde proposta pela Organização Mundial de Saúde, como estado de bem-estar físico, mental e social (Almeida-Filho, 2011). Evocamos, também, as reflexões histórico-filosóficas,

a partir dos conceitos de normal e patológico, propostas por Canguilhem (2009). Para além de uma visão essencialmente médica, hospitalar e organicista do fenómeno, típica do senso comum, buscamos compreendê-lo como um campo complexo e aberto a transformações, no qual aspectos ambientais, orgânicos e socioculturais estão em contínuo diálogo e interdependência. Nesse ponto de vista, não se pode falar de saúde como uma condição estável de qualidade de vida, mas uma permanente construção coletiva e individual sobre a qual todos os fatores citados têm importante influência. Postula-se, portanto, um conceito de saúde crítico que, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002), deveria nortear o ensino básico.

“A Filosofia seria uma esfera onde a construção desse conceito de saúde seria não só possível como benéfica à formação crítica e emancipatória dos estudantes, conforme todo um conjunto de prescrições legais e curriculares (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares Nacionais). Entretanto, nossa experiência profissional aponta que o conhecimento filosófico escolar não costuma contemplar a saúde como um de seus objetos e o tema tem sido também uma lacuna na pesquisa acadêmica. Este quadro precisa ser contestado no âmbito de uma resignificação da Filosofia escolar como campo teórico e prático, e é a isso que esta pesquisa se propõe.” (Beraldi; Queiroz, 2019, p. 180)

Sendo assim, consideramos que diversas relações podem ser inferidas entre filosofia e saúde. Dentre variadas abordagens possíveis, privilegiaremos na análise uma concatenação de enfoques como as ideias biopolíticas de Michel Foucault (1972; 1977) sobre a saúde, a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1999) acerca da corporeidade, assim como o pensamento holístico de Marilyn Ferguson (1995).

Primeiro, é amplamente conhecida a imagem foucaultiana da *clínica* (Foucault, 1977): a representação do campo médico. Trata-se de um *lócus* de reprodução de um discurso que, assentado no saber científico dos especialistas, produziria regimes de “verdade” sobre o normal e o patológico, que ordenariam práticas de controle corporal e subjetivação de pacientes. A medicina, a psiquiatria e seus correlatos seriam, desta maneira, espaços de dominação biopolítica.

Por outro lado, a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) permite considerar um significado mais positivo da saúde, mostrando que existência humana e existência biológica caminham juntas. O autor argumenta que o humano está enraizado no que ele denomina de “corpo próprio”: espaço orgânico e mental onde o sujeito constrói suas percepções, afetos, anseios, visões de mundo e identidade. Não há, pois, como falar de uma identidade humana “desprendida” de seu corpo material, como propõe a tradição filosófica moderna. Mente, corpo, pensamento, sentimento e ação estão indissociavelmente unidos nesta proposição, constituindo, a partir daí, uma importante premissa do chamado pensamento holístico, que tem emergido nas últimas décadas.

O termo grego holismo, do grego *holos*, é uma abordagem filosófica que busca entender a integralidade dos fenómenos em detrimento das partes. A *teoria da complexidade*, de Morin (2000), é um exemplo dessa tendência, mas o eco importante desse pensamento que queremos considerar se encontra na obra de Ferguson (1995) que, ao perceber a presença de um sentimento de vazio na sociedade, uma espécie de “doença”, acredita que esta só seria curada a partir do

fomento à construção de uma “nova consciência” capaz de desfragmentar o pensamento vigente e construir uma nova visão de mundo. Essa consciência de que a autora fala visa conciliar razão, emoção e intuição em prol de uma perspectiva mais ampla e crítica dos fenômenos nos quais o humano está imerso, dentre eles o seu bem-estar global – físico, mental e coletivo. Entendemos que a alternativa de Ferguson pode ser um olhar mais acurado e fecundo quanto às imbricações entre o orgânico, o ambiental e o coletivo que constituem o fenômeno da saúde.

O ensino da Filosofia escolar deveria contemplar o bem-estar humano como um todo. Porém, a escola básica segue assentada no cânone epistemológico da fragmentação do conhecimento (Morin, 2000) e, assim, tende a tornar-se pouco propícia à abordagem reflexiva de problemas e desafios centrais da humanidade nos tempos atuais, tal como a saúde. Contudo, acreditamos que a Filosofia, rompendo com o paradigma tradicional, possa trazer ao âmbito escolar o referencial holístico para a construção de reflexões transdisciplinares, críticas e emancipatórias em torno do bem-estar como totalidade multidimensional e mutável.

Metodologia

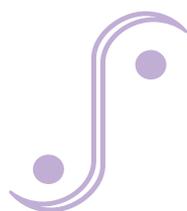
A presente pesquisa encontra-se dentro do contexto de um processo de doutoramento em Ensino de Biociências e Saúde. Dessa forma, toda metodologia a ser apresentada, bem como os objetivos geral e específicos que a antecede, foram formulados a partir dos dados preliminares coletados através das observações dos autores enquanto docentes da escola básica.

O trabalho utiliza como paradigma metodológico os pressupostos da pesquisa qualitativa. Segundo Goldenberg (2004), pesquisadores de abordagem qualitativa compreendem que seus objetos de análise não são compreensíveis mediante escalas quantitativas, pois se tratam de imaginários e práticas sociais. E este é o caso do projeto que ora se propõe.

Na pesquisa, pretendemos investigar a possibilidade de apropriação pedagógica de uma proposta filosófica holística e transdisciplinar que contemple a totalidade e a qualidade de vida dos sujeitos. Pretende-se que tal proposta se processe na interação com os objetivos da pesquisa, desenvolvendo providências que sejam cabíveis ao seu alcance.

O objetivo geral desta pesquisa está assim formulado: Investigar os potenciais do ensino da Filosofia escolar como um campo de reflexões acerca da saúde. Desenvolvem-se providências que sejam cabíveis ao alcance do objetivo geral da pesquisa. E, para a satisfação dessa meta, os seguintes objetivos específicos são definidos:

- (1) Identificar as impressões de professores de Filosofia atuantes em escolas estaduais situadas no município do Rio de Janeiro, Brasil, sobre a presença da saúde como um aspecto estruturante do currículo e de práticas pedagógicas dessa disciplina escolar;
- (2) Observar práticas de ensino ministradas pelos sujeitos participantes que abordem temáticas referentes ao bem-estar social, físico e mental e;
- (3) Problematizar possibilidades de construção de currículos e práticas pedagógicas em Filosofia que favoreçam enfoques holísticos da saúde.



Para cada meta acima listada segue-se uma ação metodológica, de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1: Relação entre objetivos específicos e ações metodológicas

Objetivo específico	Ação metodológica
Identificar as impressões de professores atuantes em escolas estaduais situadas no município do Rio de Janeiro, Brasil, sobre a presença da saúde como aspecto estruturante do currículo e de práticas pedagógicas dessa disciplina escolar.	Realização de entrevistas individuais semiestruturadas, recursos que possibilitam alavancar menções a um amplo conjunto de fatos/ processos cuja menção os sujeitos considerem relevantes.
Observar práticas de ensino ministradas pelos sujeitos participantes que abordem temáticas referentes ao bem-estar social, físico e mental.	Observação livre de práticas pedagógicas propostas e desenvolvidas pelos atores entrevistados. Propõe-se documentar os achados em diário de campo.
Problematizar possibilidades de construção de currículos e práticas pedagógicas em filosofia que favoreçam enfoques holísticos da saúde.	Triangulação de dados.

Num primeiro momento, tem-se em vista empreender entrevistas individuais semiestruturadas com professores de Filosofia atuantes nas escolas selecionadas. Também estão previstas observações livres das práticas pedagógicas propostas e desenvolvidas pelos entrevistados, documentando, em diário de campo, aspectos que sejam significativos ao recorte problemático abordado. Trata-se, deste modo, de construir uma empiria que dê voz aos sujeitos e conferir o que eles fazem em sua prática profissional, explorando aproximações e distanciamentos que surgirem.

Em face da última meta específica, propõe-se a utilização da técnica de *triangulação de dados* (Triviños, 1987). De acordo com o autor, a técnica de triangulação

"[...] tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social." (Triviños, 1987, p. 38)

A adoção do modelo visa cotejar enfoques empíricos trazidos pelas entrevistas e observações, documentos legais, curriculares e pedagógicos pertinentes ao problema e o plano teórico-conceitual numa análise crítica e criativa que favoreça a investigação.

Resultados e Discussões

Entrevistas

Este relato trata da ação operacionalizada para alcançar o primeiro objetivo específico da pesquisa. Até a data presente, foi possível identificar algumas recorrências e lacunas significativas nos depoimentos coletados juntamente aos sujeitos da investigação. Considerou-se como

campo de pesquisa a rede estadual de ensino médio, o nível educativo escolar no qual a Filosofia é oferecida como disciplina obrigatória no Brasil. Foi tomado como referência o município do Rio de Janeiro como recorte espacial. Nesse espaço, observando o “critério de saturação”, selecionaram-se dez professores que ministrassem a disciplina em alguma escola da citada rede e fossem licenciados em Filosofia. Obtiveram-se as autorizações institucionais para a realização da pesquisa nos espaços escolares e a adesão dos sujeitos ao estudo, mediante garantia de anonimato e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas, gravadas graças à autorização dos sujeitos, foram guiadas por um roteiro estruturado em torno de três tópicos de discussão, organizados da seguinte maneira:

- (1) No tópico inicial, denominado como *Pensamento filosófico*, procurou-se estimular a reflexividade dos professores sobre os fundamentos epistemológicos da disciplina que lecionam. Os professores são estimulados a explorar as suas concepções de Filosofia, destacando tendências teóricas e obras que lhes sejam mais conhecidas e preferidas. O intuito foi estabelecer, neste segmento da discussão, um cenário que motivasse o pensamento e a expressão dos entrevistados sobre aspectos cruciais da pesquisa, como o conceito de saúde e a sua apropriação como objeto do ensino da Filosofia escolar, na sequência;
- (2) Avançando na interação com os sujeitos, no tópico *Saúde*, foi solicitado a eles que definissem o conceito e falassem sobre o seu histórico no pensamento filosófico. Buscou-se, com isso, verificar a familiaridade dos entrevistados com o debate proposto, sobretudo no que se refere à perspectiva holística e transdisciplinar que adotamos. Estes registros poderiam dar indícios sobre a apropriação do conceito nas propostas de ensino e aprendizagem desenvolvidas pelos professores na escola básica e
- (3) Na última seção, *Currículo e Práticas Pedagógicas*, estiveram em cena as estratégias dos entrevistados para promoção do ensino da saúde na Filosofia escolar. Foram tratados aspectos como os recortes temáticos, conceituais e teóricos utilizados pelos docentes, as metodologias de ensino empregadas, as suas percepções sobre documentos curriculares voltados à Filosofia escolar, além de registros das facilidades e dificuldades encontradas, no cotidiano escolar, na realização do empreendimento.

O desenho proposto alavancou achados valiosos à pesquisa. Os depoimentos revelaram linhas gerais de pensamento que divergem do plano teórico da investigação e permitem reflexões sobre a forma como a confluência entre a Filosofia, a saúde e o ensino básico tem sido materializada. Primeiramente, todos os sujeitos se referiram a um seletivo grupo de pensadores e tendências teóricas: Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Marx, Nietzsche e Foucault. Em proporções menos recorrentes, também foram lembrados autores como Maquiavel, Hobbes, Hume, Gramsci e Agamben. Apenas uma professora citou Merleau-Ponty, ainda assim de passagem. Não houve menções a perspectivas de saúde de Canguilhem e Ferguson. As menções às tendências teóricas, em geral situadas no campo da tradição filosófica, eram breves e superficiais, sem que os sujeitos abordassem, por sua iniciativa, o tema da saúde na Filosofia. Foi preciso, assim, questioná-los claramente sobre o ponto.

Nesse sentido, um depoimento foi emblemático quanto às impressões mais recorrentes dos sujeitos sobre o debate entre filosofia e saúde, quais sejam:

“Acredito que a Filosofia clássica pensou a saúde dentro de uma concepção do homem como sujeito que busca a Verdade como o seu ‘bem-estar’ através da razão [...] Mas, como falar dessa perspectiva em tempos de ‘pós-Verdade’? Penso que hoje a saúde aparece na Filosofia mais no sentido adotado por Foucault nas suas análises da clínica e da loucura, do poder-saber dos médicos de impor discursos e práticas de subjetivação aos pacientes.” [Professor participante].

O depoimento indica uma tendência relevante: a associação das definições da saúde tendo como marco divisório o chamado “giro linguístico”, a ascensão da linguagem como eixo estruturante da análise filosófica, ocorrido a partir da primeira metade do século XX. Convém ressaltar o movimento como a consolidação da radical negativa à noção da “Verdade” como ente universal e transcendental, fomentado em grande medida por Nietzsche. Na tradição filosófica, a saúde aparece, por vezes, como estado da mente administrado por um modelo de racionalidade que o debate considerava comum a todos os homens, em todos os tempos e lugares. Após a virada filosófica ao discurso e às suas implicações relativistas, tal visão já não mais cabe. Emerge, assim, a ideia da saúde como uma construção linguística, empreendida em face de convenções e interesses arbitrários de sujeitos e grupos sociais específicos. Nesse cenário, ganham sentido as análises dos hospitais e médicos como espaços e atores de controle de corpos e subjetivação do Outro, numa perspectiva bastante estreita e negativa da saúde. De todo modo, a ruptura trouxe à cena a visão da saúde como uma intersecção entre o social, o físico e o mental.

Consideramos, entretanto, que ambos os pontos de vista identificados precisam ser questionados em prol de uma alternativa que conceba a saúde como racionalidade vinculada a uma corporeidade singular, a uma experiência pessoal, social e cultural específica e que se desenvolva de forma autônoma, livre e plural. A criação de uma “nova consciência” sobre o bem-estar – e que ela própria seja em si um “bem-estar” – alia emoção, intuição e razão em uma produção transdisciplinar que não combina com um ensino “bancário”, contrário à construção ativa do pensamento diante do vivido e do Outro. A escola não pode, assim, ser um lugar de ensino da “Filosofia”, entendida esta como dado externo ao educando, mas como o lugar de um ensino que possibilite o “filosofar”, práxis crítica, dialógica e criativa, aberta às mais variadas filosofias. Contudo, pouco se registrou a respeito de como a disciplina escolar de Filosofia tem sido esse espaço. Foram vagos os depoimentos sobre a operacionalização de práticas pedagógicas nas escolas.

As abordagens longas e criteriosas que os sujeitos fazem da Filosofia como disciplina acadêmica parecem contrastar com as suas breves notas pedagógicas sobre a Filosofia escolar como prática pedagógica. O quadro não surpreende se considerarmos as seguintes palavras:

“O que muitas vezes acontece na [disciplina escolar de] Filosofia costuma ser uma formação desinteressada com a escola, voltada para o bacharelado e a pós-graduação. Conheço muitos colegas de graduação que não tiveram interesse em dar aulas no ensino básico [...] Como resultado, diversas escolas tem as suas aulas de Filosofia sendo dadas por historiadores, pedagogos e outros profissionais que não conhecem a especificidade do pensamento filosófico nem leram,

sequer uma vez, os Parâmetros Curriculares Nacionais para ter uma ideia [...] E, ainda, há pouca discussão acadêmica em torno desse problema que intervenha claramente nos rumos da Filosofia ‘disciplina escolar’” [Professora participante].

“[...] Outro aspecto que é importante dizer é que os currículos dos cursos de licenciatura em Filosofia no país são organizados de modo a dar uma ‘liberdade de escolha’ ao aluno quanto ao que ele quer estudar. Poucos conteúdos e linhas de pensamento são obrigatórias e acaba que os licenciandos chegam à escola, já como professores de Filosofia, sem conhecer diversos debates filosóficos que seriam indispensáveis à formação dos seus alunos” [Professor participante].

O cenário constatado mostra as dificuldades postas a um projeto de abordagem holística e transdisciplinar na Filosofia escolar. Por um lado, tal debate não tem eco significativo na formação específica do professor. Os professores consideram a disciplina como espaço inclusivo, mas muitas “vozes” se acham fora dos horizontes dos próprios docentes ... Por outro lado, tem sido escassos os esforços acadêmicos de propiciar instrumentos epistemológicos, valorativos e pedagógicos que tragam essas alternativas mais vezes à baila no ensino básico. E a visão de saúde integral que sustentamos, cuja análise e prática rompe os limites disciplinares da Filosofia, está ainda dentre essas “ausências” que convêm adentrar o conhecimento filosófico escolar.

Procurando identificar as impressões dos atores da pesquisa sobre a saúde como aspecto estruturante do currículo e das práticas pedagógicas da Filosofia escolar, ficaram evidentes alguns aspectos importantes sobre o debate como discussão filosófica e objeto do ensino básico, oferecendo subsídios à continuação do trabalho investigativo.

Observação

Em seguida às entrevistas partimos à observação livre de aulas dos docentes entrevistados. Foram observadas dez aulas de Filosofia em duas diferentes escolas estaduais situadas no município do Rio de Janeiro e os achados foram registrados em diário de campo.

A primeira escola localiza-se em um bairro de classe média alta; no entanto, sua clientela é, na sua grande maioria, composta por moradores de uma grande comunidade vizinha. A escola possui razoável infraestrutura, com as rampas de acessibilidade e alimentação farta disponibilizada aos alunos. A falta de funcionários de apoio como porteiros e inspetores chama atenção. As salas de aula, embora limpas e organizadas, eram simples. Possuíam aparelhos de ar condicionado, mas eram barulhentos e não funcionavam muito bem.

As observações se deram no turno noturno e as aulas possuíam uma duração reduzida. Dois tempos de aula que, no diurno, equivalem a uma hora e quarenta minutos, no noturno não passam de uma hora e dez minutos, ou seja, trinta minutos a menos, o que ao final de um dia representa uma hora e meia a menos de aulas. Em conversas informais percebemos que a redução das aulas se dá por motivo de segurança e que, se as aulas fossem estendidas até o horário normal, muitos alunos não ficariam, o que geraria alto índice de evasão escolar.

Em função do horário reduzido das aulas, elas são mais objetivas. Os temas e as séries das aulas eram diversas e as metodologias de ensino também. Em duas aulas observadas foram utilizados livros didáticos que ficavam em uma estante no fundo da sala. Como as carteiras eram duplas, os estudantes assim se agrupavam para resolução das atividades propostas. Funcionava como uma espécie de estudo dirigido em que o professor funcionava apenas como um mediador do conhecimento, tirando dúvidas quando necessário. A interação professor-aluno era fraca e a preocupação dos discentes era claramente concluir a atividade até o fim da aula pois “valia nota”.

Em duas outras aulas, a interação era maior. Os professores escreviam os conceitos-chave na lousa e os alunos tinham uma preocupação muito grande em “copiar” o que estava escrito. Nos momentos finais da aula o professor procedia a uma explicação daquele conteúdo, nos moldes de uma aula expositiva. O tema da saúde nessas aulas aparecia de forma muito tangenciada, a não ser enquanto uma visão de bem-estar. Havia sempre uma preocupação muito grande em cumprir as tarefas porque a aquisição do diploma dependia disso, e ter um diploma significava ter um trabalho melhor, mais bem remunerado, o que poderia proporcionar qualidade de vida.

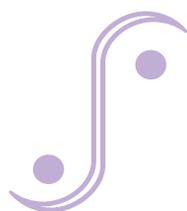
Na última aula observada na escola, a professora convidou os alunos a um debate. Se podia perceber claramente que o objetivo da docente era estimular o pensamento crítico dos estudantes e, para isso, ela trouxe como filósofo motivador do encontro Foucault e suas representações presentes na obra *Vigiar e Punir*. Vale lembrar que a obra e o debate despertou a atenção de todos, sobretudo pela pertinência do tema em se tratando de alunos moradores de uma comunidade violenta e que sofre constante repressão por parte do Estado.

A apresentação do *panóptico* aflorou a interpretação e a imaginação dos estudantes que logo fizeram uma analogia com a escola. O *lócus* privilegiado para a formação do espírito crítico é gradeado, tomado por câmeras e cheio de regras que lembram muitas vezes as de uma prisão. A escola, portanto, torna-se também um lugar de dominação biopolítica, controladora de corpos que impedem a construção da identidade, conforme nos aponta Merleau-Ponty (1999).

A segunda escola observada está situada na região central da cidade do Rio de Janeiro. A oferta de transportes no entorno é farta e o colégio possui razoável estrutura. O ponto negativo é o fato de as salas de aula só serem acessíveis por meio de escadas, o que praticamente exclui a escola de ter matriculados alunos com necessidades de locomoção. Há porteiro, mas não inspetores. O turno era o da manhã e o horário das aulas era cumprido normalmente. A clientela era bastante heterogênea. Alguns alunos eram moradores de comunidades, mas era perceptível que a maioria pertencia a uma classe média baixa.

As salas de aula eram climatizadas e algumas possuíam aparelhos de *data show*. Nenhuma aula observada, no entanto, utilizou esse recurso. Das cinco aulas observadas, duas foram em formato de debate, ou seja, o professor fazia a exposição do tema e os alunos tinham liberdade para se expressarem. Nas outras três, os docentes fizeram apontamentos na lousa que eram anotados pelos estudantes. De forma intermitente os professores faziam colocações e tiravam dúvidas quando eram instados.

Todas as turmas observadas eram da segunda série do Ensino Médio e poucas interações com a saúde foram observadas. Em uma das aulas, com enfoque na teoria do conhecimento



de Sócrates, Platão e Aristóteles, foi abordado o tema da felicidade. Nesse momento, houve um debate acerca do que seria ser feliz. A reflexão, quase unânime, procurava relacionar felicidade com dinheiro. Ao serem instigados pelo professor, alguns estudantes afirmaram que, com dinheiro, seria mais fácil promover a saúde, pois teriam acesso aos melhores hospitais e médicos. Tal noção reforça a ideia de saúde enquanto ausência de doença, contrariando os pressupostos transversais da saúde na educação básica (Brasil, 2002) e a visão global do tema preconizada por Canguilhem (2009) e Ferguson (1995).

A análise dos dados empíricos proporcionados pelas entrevistas e observações, em interação com os documentos legais e curriculares apontou para um não cumprimento da perspectiva da saúde na educação básica. Além disso, evidenciou que o ensino de filosofia, apesar de seu potencial holístico, ainda se apresenta de forma tímida, negligenciando seu papel crítico na aquisição do bem-estar físico, social e mental. Uma hipótese possível é que esse dado se deva à pouca ênfase oferecida a essa temática nos cursos de formação de professores de filosofia.

As evidências empíricas coletadas evidenciam essa lacuna quando as confrontamos com o conceito de saúde proposto por Almeida-Filho (2011) em consonância com a OMS. Dessa forma, o pensamento de Canguilhem (2009) encontra eco, pois se opõe ao que Foucault (1977) apresenta como espaço de dominação biopolítica. A clínica acaba por ser o *lócus* do especialista, o que exclui a visão mais ampla do ser humano (Ferguson, 1995) e a construção de sua identidade (Merleau-Ponty, 1999).

A teoria da complexidade de Morin (2000) lança luz sobre essa questão ao conceber o conhecimento, não como uma forma acabada, mas como construção complexa. Dessa forma, o ensino não deve ser visto como algo fragmentado, mas como um todo. Assim sendo, a complexidade da temática traz, latente, a emergência de se repensar a escola e suas finalidades na educação democrática.

Conclusões

Acreditamos que o ensino filosófico escolar possa admitir a saúde como um de seus objetos, sendo amparado por uma visão holística da realidade. A proposta tem o potencial de fomentar a construção de uma disciplina mais afeita às suas finalidades críticas e emancipatórias. Dessa forma, o desenho da investigação foi vislumbrado em vista de tal perspectiva.

Como o ensino da Filosofia escolar pode tornar-se um campo de reflexões favoráveis à promoção da saúde? Em contraponto às visões que permeiam o debate filosófico da saúde, a teoria holística pode oferecer ferramentas e terrenos para a discussão e a produção do bem-estar social, mental e físico no ensino da Filosofia escolar.

Esperamos que a investigação possa apontar pistas para a construção de um ensino que possa converter-se tanto num debate quanto numa prática propositiva e transdisciplinar de construção do bem-estar integral. A proposta tem potencial de alavancar análises profícuas sobre Filosofia, ensino e saúde que contribuam significativamente ao debate acadêmico.

Referências

- Almeida Filho, N. de, & Jucá, V. (2002). Saúde como ausência de doença: Crítica à teoria funcionalista de Christopher Boorse. *Ciência e Saúde Coletiva*, 7(4), (pp. 879-889).
- Almeida-Filho, N. (2011). *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Beraldi, Gabriel Moreira & Queiroz, Paulo Pires de (2019). Filosofia, saúde e escola: por um ensino holístico e transdisciplinar. *Atas CIAIQ2019 – Investigação Qualitativa em Educação*, v. 1, (pp. 179-184).
- Brasil (2018). *LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. 2 ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de edições técnicas.
- Brasil (1998). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>>. Acesso em 13 out 2019.
- Brasil (2006). *Orientações Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica.
- Brasil. (2002). *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC.
- Canguilhem, G. (1990). *La Santé. Concept Vulgaire & Question Philosophique*. Paris: Ed. Sables.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. São Paulo: Forense Universitária.
- Carvalho, Fábio Fortunato Brasil de. (2015). A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 25 (4), (pp. 1207-1227).
- Ferguson, M. (1995). *A conspiração aquariana*. Rio de Janeiro: Record.
- Foucault, M. (1972). *História da loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Foucault, M. (1977). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, E. (2000). *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Organização Mundial da Saúde-OMS. (1986). Ottawa charter for health promotion. In: *First International Conference on Health Promotion, Ottawa-1986*. Disponível em: <http://www.who.int/hpr/NPH/docs/ottawa_charter_hp.pdf> Acesso em: 25 abr. 2019.
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2012). *School and youth health*. Disponível em: <http://www.who.int/school_youth_health/gshi/hps/en/index.html> Acesso em: 13 jun. 2019.
- Patela, N. (2015). O serão literário – uma experiência (inter)transdisciplinar. *Revista de estudios e investigación en psicología y educación*. v. Extra, n. 8.
- Telesi Júnior, Emílio (2016). Práticas integrativas complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estud. av. [online]*, vol. 30, n. 86 (pp. 99-112).
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.